



Atividade

Lê, com atenção, o texto seguinte:

Em Timor-Leste coexistem dois sistemas de parentesco, patrilinear e matrilinear (...), aos quais correspondem dois sistemas de herança da terra. Na grande maioria das áreas rurais domina o sistema patrilinear, onde a terra é passada de acordo com a linha masculina e apenas para os filhos homens. A exceção são as comunidades matrilineares (pertencentes aos grupos Bunak e Tetun-terik) onde a terra é transferida ao longo da linha feminina. Assim, e dado que a herança é o principal mecanismo de aquisição de terra, na maior parte dos casos as mulheres só podem 'adquirir' terra através do casamento ou de um outro parente masculino. Nestes casos adquirem direito de uso, mas raramente direito de propriedade.

Adaptado de Narciso, V. & Henriques, P. (2010). As mulheres e a terra: Uma leitura da situação em Timor Leste. In M. Leach, N. C. Mendes, A. Silva & A. C. Ximenes (eds.), *Compreender Timor Leste* (pp. 112-117). Melbourne: Swinburne Press.

1. Como é que se distingue a filiação unilinear da filiação bilinear?
2. A filiação unilinear pode ser subdividida em filiação patrilinear e matrilinear. Que diferenças existem entre as duas?

1.3 Família como unidade de produção e de consumo

Nas sociedades pré-industriais, a família produz, em primeiro lugar, bens para si-própria, para os consumir de acordo com as suas necessidades. Mas a economia de autossustentabilidade não significa que as famílias estejam isoladas nas suas atividades económicas. Há, também, excedentes desta produção que circulam entre os grupos a que as famílias pertencem, com base em sistemas de redistribuição, de dádivas e trocas recíprocas.

Assim, a produção e consumo das famílias estão associados aos grupos a que pertencem. Ou seja, estão associados a uma rede de relações sociais, constituídas pelas alianças estabelecidas através dos casamentos.

A componente económica destas alianças é importante, embora não seja a única razão pela qual estas existem.

Os trabalhos de dois antropólogos, chamados Bronislaw Malinowski (1884-1942) e **Marcel Mauss** (1872-1950) mostraram que as ofertas recíprocas das famílias e dos grupos, ou seja o que dão uns aos outros,



Marcel Mauss (1872-1950)

Foi um sociólogo e antropólogo francês que fez estudos sobre as religiões e a dádiva entre os grupos humanos.

não têm apenas uma finalidade económica. Estas ofertas fazem parte de um fenómeno total, relacionado com a organização social e as tradições culturais existentes numa dada comunidade – as relações de parentesco, a forma como as comunidades decidem sobre aspetos da sua vida, as crenças espirituais e a religião. A família não produz apenas para o seu consumo. Os bens ou produtos conseguidos pela família também servem para dádivas e trocas. As trocas podem ser feitas com elementos que não pertencem à família (como os vizinhos). As dádivas incluem também os alimentos ou objetos oferecidos aos antepassados.

Isto significa que a economia das famílias – produção, distribuição e consumo dos bens – não é igual à economia capitalista de mercado. Os motivos e a cultura imaterial influenciam as atividades de produção. Por exemplo, quando alguém procura ter mais búfalos, não é só para ajudar no trabalho das terras, mas também porque se associa o número de animais há riqueza que a pessoa possui e ao prestígio social. Procura-se, igualmente, produzir mais e melhores cereais, ou criar mais e melhor gado (cavalos, cabras, etc.), para os oferecer, nas festas e cerimónias, aos antepassados ou a outros membros do grupo, e, assim, ganhar mais poder e prestígio na comunidade. Os bens também são usados como compensação, ou como dote, nos casamentos, por parte do noivo em relação à família da noiva, ou por parte desta em relação à família do noivo.



Criação de búfalos em Timor-Leste



Atividade

Lê, com atenção, o texto seguinte:

A autossustentância das famílias, como produtores e consumidores, cria uma certa segurança. A família (ou grupo social a que pertence) controla o seu ritmo de trabalho e de vida. Não depende de parceiros económicos externos à comunidade. Consomem diretamente os seus próprios produtos, podem trocá-los no seu grupo, e utilizá-los para dádivas, mas a sua venda é menos importante. Apenas uma parte desses produtos é transformada em mercadorias para serem vendidas nos mercados locais e nas feiras. A família, enquanto unidade de produção e de consumo, pode ser destruída por fatores externos. Com o avanço do capitalismo, este tipo de economia pode estar ameaçada. A atração por novos produtos leva a família a produzir para vender e fazer dinheiro. Com este dinheiro, aumenta o consumo de produtos que, assim, já não são produzidos na família ou na comunidade.

Texto elaborado com base em Colley, J. P. (2005). Elementos de Antropologia Social e Cultural. Lisboa: Edições 70.

1. Na tua opinião, as ideias deste texto também se podem aplicar à realidade económica das famílias timorenses?
2. Partindo das indicações do texto, define, com o teu professor, três perguntas para entrevistas que vais fazer, sobre este tema, a dois membros da tua comunidade.
3. Regista as informações das entrevistas no teu caderno e, a partir delas, faz um pequeno texto com um resumo das respostas das pessoas que entrevistaste.

1.4 Relações de parentesco e economia

Como temos vindo a explicar, nas sociedades pré-industriais ou agrárias, a economia está muito ligada às relações de parentesco, que são a base da organização social das comunidades.

As relações de parentesco permitem que os seres humanos se organizem entre si para conseguirem, eles próprios, obter a sua subsistência (agricultura, criação de gado, pesca, ferramentas, etc.). Produz-se para a família e para o grupo de parentesco. Os produtos são consumidos coletivamente.

O grupo de parentesco permite que as famílias possam usar as terras e ferramentas coletivas para cultivar. Mas, pelo seu lado, as famílias têm obrigações sociais e económicas para com o seu grupo de parentesco.



O grupo de parentesco facilita o uso das terras, das ferramentas colectivas para cultivar e as trocas de bens entre vizinhos e com outros grupos.

Em muitos casos, uma parte dos bens que a família produz é, como vimos antes, trocada com os vizinhos e outros grupos ou, também, dada aos mais velhos e aos chefes da comunidade.

Todos os membros do grupo realizam tarefas semelhantes, com base nas mesmas técnicas e nas mesmas condições de trabalho. Mas, podem existir membros mais especializados em algumas dessas tarefas, tais como os ferreiros, carpinteiros e sapateiros. Apesar desta especialização, estes artesãos também trabalham a terra.

A produção de bens nas sociedades pré-industriais é feita através do cultivo dos campos, da pesca e da organização da casa. Os vizinhos ajudam-se uns aos outros, fazendo uma troca gratuita de trabalho, sem pagamento de um salário. Mas, este trabalho, também, pode ser acompanhado de festas e cerimónias, nas quais todos têm a obrigação de participar.

A economia das sociedades pré-industriais é muito diferente da economia dos países industrializados (ver o próximo subtema). A produção de bens não tem características comerciais. Em vez disso, ela aparece como um elemento importante para a criação, estabilidade e continuidade dos grupos sociais.